

Se emprego é recorde, por que o seguro-desemprego explodiu?

O ex-ministro Delfim Netto, há alguns dias, voltou a comentar o aumento nos gastos com o Seguro Desemprego no Brasil: “*porque os gastos com seguro-desemprego não param de subir se o emprego nunca foi tão bem?*” perguntou ele.

Para responder a essa pergunta, precisamos observar alguns pontos. O primeiro seria a migração da mão de obra da indústria para o serviço. Estamos passando por uma desindustrialização, já os serviços em geral vem crescendo de vento em popa, o que ocasiona uma conjuntura de migração de profissionais, da Indústria para serviço, gerando um custo de contratação e demissão tanto para o governo quanto para o empresário.

Com relação à elevação dos empregos, se dá com a estatística de empregos gerados no setor terciário (serviços), porém em geral os do serviço não têm a mesma qualidade e patamar salarial dos da indústria, o que não é bom para o trabalhador nem para a sustentabilidade e desenvolvimento econômico. No caso do Pará temos a agroindústria com maior peso que o da indústria convencional, assim sofremos menos tais efeitos.

Outro ponto que podemos destacar é que entre 2002 e 2012, o quantitativo de empregos informais teve uma queda de 14 pontos percentuais, de 54% para 40%. Assim, muito mais pessoas passaram a ter direito ao benefício do seguro-desemprego e como este está vinculado ao salário do trabalhador e o menor valor, recebido pela esmagadora maioria dos beneficiados, é o do salário mínimo, que triplicou em termos nominais desde 2003, é normal que note-se uma elevação nos gastos com seguro-desemprego proporcionalmente.

Por outro lado, nosso mercado de trabalho possui um problema estrutural para o qual políticas públicas devem ser direcionadas na tentativa de regular o processo rotatividade no trabalho que no Brasil tem taxas fora do padrão internacional. De cada 100 empregados, algo entre 35 e 40 não chegam a completar nem um ano com o mesmo empregador. Por isso, é preciso que haja

uma regulação e investimentos em educação, P&D e tecnologia, para diminuirmos essa taxa.

Felizmente, ou infelizmente para alguns, o governo federal vai ter que seguir conselhos da oposição e fazer ajuste de ministérios e cortes de gastos. Por tanto, o próximo ano deve ser de ajustes orçamentários e uma solução para o problema seria reduzir novamente o período de tempo máximo de recebimento, que foi ampliado durante a crise.

Pablo Damasceno Reis